

# O grande eleitor

O que se vê hoje no noticiário nacional é exatamente a confirmação de um cenário favorável à candidata de Lula, que pode ser, então, o grande eleitor, como Vargas o foi. Serra, além de vencer Dilma, tem a indigesta missão de derrotar Lula

O ex-ministro do Trabalho Almir Pazzianotto Pinto escreveu dias atrás para o jornal O Estado de S. Paulo um lúcido artigo sobre a sucessão presidencial. Intitulado de "A incógnita Dilma", o texto dá uma aula de História do Brasil a quem se propuser a acrescentar, em dez minutos de atenciosa leitura, lições dadas em eleições passadas que devem ser assimiladas o quanto antes pelos pré-candidatos que são favoritos na disputa ao cargo de Presidência da República, a petista Dilma Rousseff e o tucano José Serra.

Pazzianotto começou tocando na barbada encontrada em 1982 pelo então senador André Franco Montoro e seu partido, o PMDB, bafejado pelo declínio do governo militar, e a legenda que lhe dava sustentação, o PDS. Montoro ganhou o governo do Estado de São Paulo, porque soube personificar, com sua imagem de ponderação, a transição democrática que viria três anos depois em nível nacional, a partir da eleição indireta de Tancredo Neves, a posse consequente de José Sarney, a Assembleia Nacional Constituinte, depois a Constituição Federal de 1988 e, por fim, o retorno das eleições diretas, no ano seguinte, para a chefia do Executivo nacional depois de 29 anos, com a eleição de Fernando Collor de Mello.

O ex-ministro tocou também nas eleições de 1974, nas surpresas em série que tomaram o cenário político nacional com o avanço do MDB sobre a Arena, simbolizado pela eleição do então jovem emedebista Orestes Quércia contra o tradicional ex-governador Carvalho Pinto.

Por fim, Pazzianotto foi mais distante no passado, lembrando a disputa presidencial de 1946, quando o general Eurico Gaspar Dutra enfrentou o brigadeiro Eduardo Gomes e só o venceu nos últimos dias de campanha, a partir de um apoio decisivo vindo do mesmo político, cujo governo havia sido derrubado por seu grupo, exatamente Getúlio Vargas.

Eduardo Gomes tinha forte presença na juventude e no eleitorado feminino, além de registrar comícios cheios e emocionantes, ao contrário de Dutra, homem sem carisma, inicialmente amaldiçoado por quem havia apoiado Vargas. Dois aliados de Dutra,

Amaral Peixoto e Hugo Borghi, sentindo o cheiro iminente da derrota, foram a São Borja atrás do velho caudilho e ponderaram a ele que o melhor caminho a ser adotado era exatamente o do apoio ao general. Disseram que a vitória da UDN, de Gomes, seria uma pá de cal em seus sonhos de retorno à Presidência. Acabaram saindo com uma carta de punho do ex-presidente, lida em 27 de novembro de 1946 no último comício, a apenas cinco dias da eleição. A posição surpreendente de Vargas legou vitória a Dutra e abriu caminho para que ele mesmo retornasse com a bandeira do nacionalismo, quatro anos depois, em 1950.

Pazzianotto faz, então, o link com os dias atuais e indaga: "Resta ver se Lula, em cinco meses, repetirá o prodígio realizado por Vargas em cinco dias". Vai além ao creditar a óbvia e estonteante popularidade de Lula e ligá-la a Dilma e suas chances crescentes de vitória.

O raciocínio, coerente, talvez tenha o condão de colocar Serra com as barbas de molho. O candidato de um governante bem avaliado é, por consequência, um nome que ganha corpo e eleitores.

Foi assim em Mogi no último pleito. Em 2008, Junji, bem avaliado, colocou no colo de seu candidato, Marco Bertaiolli (DEM), boas condições de vencer o deputado estadual Luís Carlos Gondim Teixeira em primeiro turno. Bertaiolli, sem carregar qualquer taxa de rejeição e com uma imagem empreendedora, virou prefeito. Isso ocorreu no cenário nacional, com Paulo Maluf elegendo Celso Pitta, em 1996, e Quércia fazendo de Luiz Antonio Fleury Filho governador do Estado, em 1990.

O que se vê hoje no noticiário nacional, medido pelos institutos de pesquisa, é a confirmação de um cenário favorável à candidata de Lula, que pode ser, então, o grande eleitor, como Vargas o foi. Serra, além de vencer Dilma, o que, em tese, por si só não seria difícil, tem a indigesta missão de derrotar Lula. O desafio de Serra é duplo e trabalhoso. Só os próximos meses vão dizer se ele, contra Lula e contra a máquina federal, é, como o presidente, um predestinado.